

Recebido em: 19/11/2021
 Aprovado em: 17/03/2022
 Publicado em: 03/05/2022

[TRADUÇÃO]

PARA A HISTÓRIA DO PRIMEIRO CAPÍTULO DE *O CAPITAL* DE MARX (1929)¹
 (PARTE 2)²

Por

Isaak Illich Rubin

Tradução

Rafael de Almeida Padial³
 (rfpadial@gmail.com)

Resumo: Em *Para a Crítica da Economia Política* Marx ainda não realizara uma distinção clara entre valor e valor de troca. Marx traça essa distinção numa forma clara e precisa no primeiro capítulo do primeiro volume de *O Capital*. O que teria convencido Marx a olhar mais de perto essa questão? Ao que parece, ele foi persuadido a fazê-lo pela necessidade de defender a teoria do valor-trabalho dos ferozes ataques de [Samuel] Bailey. O artigo analisa as críticas de Marx a Bailey nas Teorias da Mais-Valia e demonstra como tais críticas levaram Marx a retrabalhar a exposição do capítulo I de *O Capital*.

Palavras-chave: Marx. Marxismo. *O Capital*. Rubin. Forma do valor.

2 MARX E BAILEY

Como explicamos no primeiro capítulo, em *Para a Crítica da Economia Política* Marx ainda não fez uma distinção clara entre valor e valor de troca. Marx traça essa distinção numa

¹ Traduzido de RUBIN, I., “Towards a History of the First Chapter of Marx’s *Capital* (1929)”. In DAY, Richard B. & GAIDO, Daniel F., *Responses to Marx’s Capital: From Rudolf Hilferding to Isaak Illich Rubin*. Leiden/Boston: Brill, 2017, pp. 583-618.

² Devido a seu tamanho, optamos por publicar o ensaio de Rubin em duas partes (a primeira se encontra no v. 4 n. 07 [2019] da revista *Eleuthería*). Seguimos, para isso, a explícita divisão interna do artigo registrada por Rubin (na qual o primeiro item trata do desenvolvimento das formas de exposição do primeiro capítulo de *O Capital*, e o segundo trata das críticas de Marx a Bailey). A parte 2, ora publicada, compõe as pp. 602-618 da edição inglesa acima citada. As notas de rodapé são do próprio Rubin, salvo quando indicadas por *colchetes*, as quais são da edição inglesa. Os trechos em que Rubin cita excertos das diferentes edições de *O Capital* foram traduzidos por nós diretamente do alemão. O uso de *chaves* indica sempre uma interpolação nossa (do tradutor).

³ Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Filosofia pela mesma instituição. Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3759104161090969>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5943-5613>.



forma clara e precisa no primeiro capítulo do primeiro volume de *O Capital*. O que teria convencido Marx a olhar mais de perto essa questão? Ao que parece, foi persuadido a fazê-lo pela necessidade de defender a teoria do valor-trabalho dos ferozes ataques de [Samuel] Bailey.

Bailey surgiu como um oponente decidido e dedicado da doutrina de Ricardo, a qual submeteu a duras críticas em sua obra *A Critical Dissertation on the Nature, Measure and Causes of Value* (1825) [Uma dissertação crítica acerca da natureza, medida e causas do valor]. Essa obra provocou grande balbúrdia e acalorada polêmica entre seu autor e os apoiadores de Ricardo. Apesar de Bailey criticar a teoria de Ricardo do ponto de vista de uma economia política superficial e vulgar, teve sucesso – como notou Marx⁴ – em destacar seus verdadeiros pontos fracos.

Ricardo afirmou que o valor da mercadoria é determinado pelo trabalho. Mas estava totalmente desinteressado na forma do valor, pois a considerava secundária e sem consequências. Ele não distinguiu valor de valor de troca, e a conversão das mercadorias em dinheiro lhe pareceu um ato puramente formal e externo⁵. Na realidade, entretanto, o valor da mercadoria se manifesta na forma do valor de troca: assume a forma da soma de dinheiro ou de uma certa quantidade de outras mercadorias recebidas em troca pela mercadoria dada. Na teoria de Ricardo, um abismo intransponível se abriu entre o valor da mercadoria, expresso em certa quantidade de trabalho, e seu valor de troca, expresso em certa quantidade de outras coisas; não havia ponte entre a primeira e a segunda, e Bailey direcionou seus ataques contra esse ponto frágil.

Se Ricardo, tendo concentrado sua atenção no valor, ignorou a forma do valor, Bailey tomou o caminho oposto. Ele considerou os fenômenos na forma que assumem no ato da troca mercantil. Na troca, entretanto, o valor da mercadoria não se expressa separadamente de outras mercadorias. Ele aparece apenas numa forma externa, em certo montante de outras mercadorias (ou em certa soma de dinheiro). Assim, diz Bailey, só podemos falar do valor relativo de dada mercadoria *A* em termos de outra mercadoria *B*, *C*, *D*, *E* etc.; seria tolice falar do valor da mercadoria *A* em geral, sem especificar com precisão a mercadoria concreta pela qual a mercadoria *A* é trocada e com a qual é comparada. Não seria possível falar de valor *absoluto* da mercadoria *A*, apenas de seu valor *relativo*, comparado à mercadoria *B* (ou *C*, *D*, *E* etc.). "Há milhares de tipos diferentes de valor – tantos tipos de valor quanto há de mercadorias"⁶.

⁴ [Marx, 1970, pp. 75, 149.]

⁵ [Marx, 1971, pp. 131, 138.]

⁶ Bailey, 1825, p. 39.



Mas valor relativo sempre pressupõe a relação entre duas mercadorias e, portanto, tem de ter um caráter bilateral *{two-sided}*. O valor relativo da mercadoria *A* em termos da mercadoria *B*, por exemplo 4:1 (*i.e.*, uma unidade da mercadoria *A* tem quatro vezes mais valor do que uma unidade da mercadoria *B*), expressa simultaneamente o valor relativo da mercadoria *B* em termos da mercadoria *A*, a saber, 1:4. Portanto, qualquer mudança nessa fórmula de troca – por exemplo, sua conversão na fórmula 3:1 – significa não apenas uma mudança no valor relativo da mercadoria *A*, mas também, simultaneamente, uma mudança (em sentido oposto) no valor relativo da mercadoria *B*. Com base nisso, Bailey nega a concepção (dos apoiadores de Ricardo) da possibilidade de mudança do valor relativo da mercadoria *A* e da mercadoria *B* na ausência de qualquer mudança no valor da própria mercadoria *B*. Dado que Bailey rejeita a concepção do valor absoluto de uma dada mercadoria, e dado que é impossível falar apenas de valor relativo de uma mercadoria, a conclusão de Bailey é perfeitamente compreensível – qualquer mudança no valor da mercadoria *A* (expresso em termos de *B*) significa uma mudança simultânea no valor da mercadoria *B* (expresso em termos de *A*): "O valor da mercadoria *A* não pode aumentar em relação a *B* sem que o valor de *B* caia em relação a *A*"⁷.

A rejeição do conceito de valor absoluto leva Bailey a uma série de erros, dos quais notaremos o mais importante. Em primeiro lugar, não poderíamos dizer que o valor de uma dada mercadoria mudou enquanto o valor das mercadorias pelas quais é trocada permanece constante. Em segundo lugar, a abordagem adotada pelos economistas, ao adicionar os valores de diferentes mercadorias para alcançar uma soma de valores, teria de ser rejeitada. Em terceiro lugar, não poderíamos comparar o valor de uma determinada mercadoria em diferentes períodos de tempo.

Para defender a teoria do valor-trabalho dos ataques de Bailey seria necessário traçar uma clara diferenciação entre valor e valor de troca. Foi precisamente por ignorar essa distinção que Ricardo criou a abertura aos ataques de Bailey. Assim, é perfeitamente compreensível que o propósito principal da polêmica de Marx contra Bailey, no terceiro volume das *Teorias da Mais-valia*, foi mostrar a distinção entre valor da mercadoria e a forma de sua aparência, como valor de troca.

Sobretudo, Marx mostra que seguir consistentemente o ponto de vista de Bailey conduz à negação completa de qualquer lei que governe as trocas. Se não podemos falar do valor da mercadoria *A* em si mesmo, então não estamos em condição de falar se a troca de *A* por *B* corresponde a seus valores ou não. Podemos notar que num caso determinado uma certa

⁷ Bailey 1825, p. 12.

quantidade de linho foi de fato trocada por certa quantidade de café. Mas não podemos dizer se essa relação de troca é legítima e normal: "Então não se pode falar de uma relação de troca, mas apenas de uma relação na qual algo é ou *foi trocado*"⁸.

Se não quisermos abandonar o conhecimento da legalidade na base do fenômeno das trocas, então temos de reconhecer que "objetos não são trocados em proporções arbitrárias, mas como mercadorias, ou seja, como objetos que têm, cada qual, um valor, e que são trocados uns pelos outros *na proporção da sua equivalência*"⁹. Em outras palavras, se nossa meta é revelar a legalidade do fenômeno da troca, não podemos considerar o valor da mercadoria algo fortuito e arbitrário, estabelecido novamente em cada ato de troca de uma determinada mercadoria por outra.

Partindo desse ponto de vista, Marx chega à conclusão de que o valor da mercadoria tem de ser distinguido de seu valor de troca. Sua discussão procede da seguinte forma. Uma mercadoria dada, por exemplo, o linho, é trocada por muitas outras, como pão, café, casaco etc. Admitir que em cada um desses atos de troca nosso linho assume um valor diferente significaria negar qualquer legalidade no fenômeno das trocas. É óbvio que o linho tem um valor completamente determinado, que num momento se expressa na troca pelo pão, em outro na troca pelo café etc. Temos, portanto, de distinguir o valor do linho, que resta idêntico em todos esses atos de troca, das suas diferentes formas de manifestação em pão, café e assim por diante, ou seja, de seu valor de troca.

Essa discussão é destacada já nas primeiras páginas das *Teorias* que Marx dedica a Bailey:

O *valor* da mesma mercadoria pode, sem alterações, ser expresso em quantidades infinitamente *diferentes* de valores de uso, sempre conforme eu o expresse no valor de uso desta ou daquela mercadoria. Isso não altera o valor, apesar de alterar a maneira em que se expressa. No mesmo sentido, todas as várias quantidades dos diferentes valores de uso nos quais o valor da mercadoria A pode se expressar são equivalentes e relacionadas umas às outras, não apenas como valores, mas como valores iguais; de modo que quando essas várias quantidades diferentes de valores de uso substituem umas às outras o valor permanece completamente inalterado, como se não tivesse encontrado expressão em valores de uso bastante diferentes.¹⁰

Noutra passagem, Marx resume suas considerações brevemente, assim:

⁸ [Marx, 1971, p. 142.]

⁹ [Marx, 1971, p. 140.]

¹⁰ [Marx, 1971, p. 127.]



Embora a mercadoria tenha mil tipos diferentes de valor [expressões], ou mil preços diferentes, todas essas milhares manifestações sempre expressam *o mesmo valor*. [Essa é] a melhor prova de que todas essas diferentes expressões são *equivalentes* que não apenas podem substituir umas às outras nessa expressão, mas de fato o fazem na própria troca.¹¹

Nessas citações de Marx encontramos uma diferença mais claramente traçada entre valor e seu modo de expressão: *um e mesmo valor tem uma multitude de formas diferentes de expressão*, ou é expresso nos mais diversos valores de uso. Disso, podemos tirar a conclusão inversa: se uma quantidade particular de um valor de uso é igualada na troca a uma quantidade particular de outro valor de uso, então devem ambas ser iguais a uma terceira quantidade, a saber, o valor inerente a cada uma delas. A equiparação de dois valores de uso na troca pressupõe que sejam ambos iguais num terceiro sentido, ou que haja dentro de ambos algo que lhes é comum, a saber, valor em certa magnitude. Essa conclusão inversa já é indicada por Marx nos dois excertos que citamos, e é ainda mais claramente registrada noutra passagem:

Ele (Bailey) até mesmo esquece a simples consideração de que se y jardas de linho = x libras de palha, isso [implica] uma paridade entre duas coisas desiguais – linho e palha –, o que as torna de igual magnitude. Sua existência como coisas iguais certamente tem de ser diferente de sua existência como palha e linho. Não é como palha e linho que são equiparadas, mas como equivalentes. Um lado da equação deve, portanto, expressar o mesmo valor que o outro. O valor da palha e do linho, assim, não deve ser nem palha nem linho, mas algo comum a ambos e diferente de ambas as mercadorias consideradas como palha e linho.¹²

Em outras palavras, a equiparação da mercadoria A à mercadoria B só é possível se "existe um elemento comum para A e para B , ou se A e B são representações diferentes do mesmo elemento"¹³.

Marx ilustra esses argumentos com um exemplo geométrico. Para fazer uma comparação entre diferentes figuras geométricas – por exemplo, um triângulo e um

¹¹ Em *O Capital*, Marx compreende preço (*Preis*) apenas como valor expresso em dinheiro. Nas *Teorias da Mais-Valia*, chama de preço o valor de troca da mercadoria, que pode ser expresso em outra mercadoria ou em dinheiro. Marx chama o último preço, enquanto distinto do preço em geral, de "preço em dinheiro" (*Geldpreis*). Veja [Marx, 1971, p. 147].

¹² [Marx, 1971, pp. 139-40.]

¹³ [Marx, 1971, p. 160]. É interessante notar certas peculiaridades na terminologia que Marx emprega nas *Teorias*. Aqui, assim como em *Para a Crítica*, ele ainda não utiliza o termo "forma do valor" (ele às vezes apenas reprova os clássicos por não investigarem valor "em termos de forma"); os termos *Tauschwert* {valor de troca} e *Wert* {valor} são usados como sinônimos para valor (o último, utilizado com mais frequência em *Para a Crítica*). Usualmente, nas *Teorias* Marx opõe valor de troca (*i.e.*, valor) a suas várias "expressões".



paralelogramo –, elas devem ser reduzidas a algo em comum, a saber, ao produto da base pela altura¹⁴.

O leitor bem familiarizado com *O Capital* de Marx provavelmente já notou que os excertos citados correspondem perfeitamente a certos argumentos contidos nas primeiras páginas do volume primeiro de *O Capital*. Para afastar qualquer sombra de dúvida a respeito, cremos ser necessário citar integralmente os três parágrafos correspondentes no primeiro volume de *O Capital*. Citaremos da primeira edição de *O Capital* (1867), na qual é mais evidente a similaridade aos comentários e argumentos contra Bailey contidos no terceiro volume das *Teorias da Mais-Valia*:

Uma única mercadoria, um quarto de trigo, por exemplo, é trocável em diferentes proporções por outros artigos. No entanto, seu valor de troca permanece inalterado, se expresso em x de cera para botas, y de seda, z de ouro etc. Ele deve então ser distinguível desses diferentes modos de expressão.¹⁵

Tomemos duas mercadorias, p. ex. trigo e ferro. Qualquer que seja sua relação de troca, ela sempre pode ser apresentada numa equação, na qual uma dada quantidade de trigo é equiparada a qualquer quantidade de ferro, p. ex. 1 quarter de trigo = a quintal de ferro. O que significa essa equação? Que o mesmo valor existe em duas coisas diferentes, em 1 quarter de trigo e também em 1 quintal de ferro. Ambas são assim iguais a uma terceira [coisa], que em si e para si não é nem uma nem outra. Cada uma das duas, enquanto valor de troca, deve por isso – independentemente uma da outra – ser redutível a essa terceira.

Um simples exemplo geométrico ilustra isso. Para determinar e comparar a área de todas as figuras poligonais, elas são divididas em triângulos. O próprio triângulo é reduzido a uma expressão bastante diferente de sua figura visível – à metade do produto de sua base pela sua altura. Da mesma forma, os valores de troca das mercadorias devem ser reduzidos a algo comum, o qual elas em maior ou menos grau representam.¹⁶

É impressionante a similaridade entre esses três parágrafos do primeiro volume de *O Capital* e os excertos citados das *Teorias da Mais-Valia*. O primeiro parágrafo repete a posição

¹⁴ Marx usa esse exemplo geométrico (que também ocorre a Hegel) duas vezes. [Veja Marx, 1971, pp. 143-4, nota de rodapé, e também pp. 160-1.]

¹⁵ É interessante notar que na primeira edição de *O Capital*, assim como em *Para a Crítica*, Marx ainda opõe "valor de troca" a diferentes "tipos de expressão". Na segunda edição de *O Capital*, Marx mudou completamente esse parágrafo: "Uma certa mercadoria, um quarto de trigo, por exemplo, pode ser trocada [...] por outras mercadorias nas mais variadas proporções. O trigo, portanto, tem diversos valores de troca, em vez de um único. [...] Portanto, segue-se [...] que o valor de troca só pode ser o modo de expressão, a 'aparência' de um conteúdo que se distingue dele". {Marx, 1989, p. 69}. Aqui, valor de troca já não é mais oposto a seu modo de expressão, mas é o próprio "modo de expressão" do valor. Todavia, a edição francesa de *O Capital* (bem como a edição alemã editada por K. Kautsky, assim como a tradução russa de V Barazov e I. Stepanov) citam o parágrafo a partir da primeira edição.

¹⁶ {Os três parágrafos em Marx, 1983, pp. 18-19.} Os itálicos são de Marx.



que Marx desenvolve em detalhe em sua polêmica contra Bailey: o valor de uma dada mercadoria pode ser expresso nos mais diversos valores de uso. Partindo dessa posição básica, no segundo parágrafo Marx traça a conclusão oposta: dois valores iguais são também iguais a alguma terceira coisa¹⁷. Por fim, no terceiro parágrafo, Marx usa o exemplo geométrico, ao qual estamos familiarizados.

Nossa comparação desses dois textos de Marx lança uma luz clara sobre a origem e o sentido dos argumentos desenvolvidos pelo autor nos três parágrafos do primeiro volume de *O Capital* – argumentos que têm sido submetidos a todo tipo de erro de interpretação e ainda hoje provocam ríspidas objeções dos críticos de Marx. O propósito direto desses argumentos era a defesa da teoria do valor-trabalho contra os ataques de Bailey, o que significa que era necessário traçar uma clara distinção entre o valor da mercadoria e seu valor de troca, expresso em termos de outras mercadorias. Que é precisamente esse o objetivo buscado por Marx nas páginas iniciais de *O Capital* pode ser compreendido mesmo sem comparar esse texto à seção dedicada a Bailey no terceiro volume das *Teorias da Mais-Valia*. Para convencer alguém, basta ler, em *O Capital*, o parágrafo que precede os três que acabamos de citar:

O valor de troca aparece antes de tudo como uma *relação quantitativa*, a proporção em que valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de outro tipo, uma relação que muda constantemente, com o tempo e o lugar. O valor de troca, assim, parece ser algo acidental e puramente *relativo*, um valor de troca imanente (*valeur intrinsèque*), interno às mercadorias, ou seja, uma *contradictio in adjecto*. Vejamos a coisa mais de perto.¹⁸

Após isso, vêm os três parágrafos de Marx anteriormente citados por nós. Obviamente, o objetivo de Marx consistia em revelar o erro de se considerar o valor de troca algo "acidental ou puramente relativo" – e o mais claro representante dessa concepção era precisamente Bailey. Agora que comparamos os dois textos de Marx, podemos afirmar, com ainda maior convicção e precisão, não apenas que a apresentação do problema do valor nas primeiras páginas de *O Capital* foi ditada pela necessidade de defesa frente aos ataques de Bailey, mas também que esse argumento de Marx apareceu pela primeira vez na parte das *Teorias da Mais-Valia* dedicada a Bailey. Se compararmos o texto de *Para a Crítica da Economia Política* com o do primeiro volume de *O Capital*, notamos que nas primeiras páginas de ambas as obras a exposição de Marx corresponde aproximadamente. Entretanto, a partir dos parágrafos citados

¹⁷ Os comentadores e críticos de *O Capital* geralmente concentram toda a sua atenção no segundo desses três parágrafos, sem notar que é apenas o reverso da conclusão alcançada no primeiro parágrafo.

¹⁸ {Marx, 1983, p. 18.}

acima o texto de *O Capital* nos fornece algo novo em princípio, quando comparado ao texto de *Para a Crítica da Economia Política* – a saber, uma distinção mais clara entre valor e valor de troca¹⁹.

Para revelar mais claramente a diferença entre o "valor em si" da mercadoria e a "expressão" desse valor no valor de uso de outra mercadoria, na mesma seção das *Teorias* dedicada a Bailey Marx mostra que uma mudança na "expressão" do valor frequentemente não corresponde a uma mudança do valor em si. Por exemplo, suponhamos que a quantidade de mercadorias recebidas em troca da mercadoria A seja reduzida, *i. e.*, que o valor de troca da mercadoria A decline "na medida em que é realizado em outras mercadorias, ou seja, [na medida em que] seu valor de troca se expresse nos valores de uso de todas as outras mercadorias"²⁰. Mas essa redução no "valor de troca realizado" da mercadoria A pode ter sido o resultado de duas causas diferentes e opostas: ou uma redução da quantidade de tempo requerido para a produção da mercadoria A ou um aumento no tempo de trabalho necessário para a produção das outras mercadorias. "O mesmo fenômeno ocorre em ambos os casos, embora por causas completamente opostas". Consequentemente, a "expressão" modificada do valor da mercadoria A ainda não mostra que mudou o valor "em si".

Em essência, essas considerações de Marx apenas repetem ideias que ele já desenvolvera em *Para a Crítica da Economia Política*²¹. Todavia, na polêmica contra Bailey Marx focou seu pensamento numa direção específica. Em *Para a Crítica da Economia Política* ele simplesmente tentou mostrar que mudanças no "valor de troca realizado, *i. e.*, expresso no valor de uso de outras mercadorias"²², podem ser causadas não apenas por mudanças no tempo de trabalho requerido para produzir uma mercadoria dada, mas também por mudanças no tempo de trabalho requerido para produzir as outras mercadorias. Em *Para a Crítica*, ainda que Marx em essência não confunda esse "valor de uso realizado" da mercadoria A com seu "valor de troca" (pelo qual quer dizer *valor*), ele não considerou necessário enfatizar uma distinção, menos ainda apresentá-los como opostos. Na polêmica contra Bailey, Marx enfocou essas mesmas ideias precisamente na direção seguinte, que resume bem: "Disso, resulta obviamente que a proporção em que as mercadorias são trocadas umas pelas outras como valores de uso, ainda que seja uma *expressão* de seu valor, seu valor *realizado*, não é seu próprio valor, dado

¹⁹ Veja-se o primeiro capítulo deste ensaio {primeira parte da tradução, publicada no v. 4 n. 07 [2019] da revista *Eleuthería*}.

²⁰ [Marx, 1971, p. 126.]

²¹ [Marx, 1970, pp. 38-40.]

²² [Marx, 1970, p. 40.] Veja o primeiro capítulo deste ensaio.



que a mesma proporção de valor pode ser representada em quantidades bem diferentes de valores de usos"²³.

É interessante notar que o foco do pensamento de Marx nesse sentido se torna muito mais enfático em *O Capital*. O raciocínio que perseguimos, encontrado tanto em *Para a Crítica da Economia Política* quanto nas *Teorias da Mais-Valia*, é transposto por Marx ao primeiro volume de *O Capital*, no qual é desenvolvido em detalhe ainda maior, no terceiro item do primeiro capítulo (em "Determinação quantitativa da forma relativa do valor"). Marx resume esse ponto da seguinte forma:

Mudanças reais na magnitude do valor não se refletem, portanto, – nem inequivocamente nem exaustivamente – em sua expressão relativa ou na magnitude do valor relativo. O valor relativo de uma mercadoria pode mudar, apesar de seu valor permanecer constante. Seu valor relativo pode permanecer constante, embora seu valor mude, e, por fim, mudanças simultâneas em sua magnitude de valor e na expressão relativa dessa magnitude de valor não precisam de forma alguma coincidir.²⁴

O conteúdo dessa síntese de Marx nos permite concluir, com bastante convicção, que se volta precisamente contra Bailey, o qual continuamente confundia valor com valor de troca. Numa nota de rodapé desse trecho²⁵, Marx polemiza com o economista [John] Broadhurst, cujos argumentos correspondiam aos de Bailey²⁶.

Por fim, também encontramos incluídos no final do primeiro capítulo de *O Capital* sinais dos argumentos que Marx desenvolveu contra Bailey no terceiro volume das *Teorias*.

Bailey acusou Ricardo de transformar o valor, de uma relação entre coisas, em algo absoluto:

Como não podemos falar da distância de qualquer objeto sem implicar algum outro objeto, em relação ao qual o primeiro se mantém a alguma distância, também não podemos falar do valor de uma mercadoria, senão em referência a outra mercadoria, à qual [a primeira] é comparada. Uma coisa não pode ser valiosa em si mesma sem referência a outra coisa, assim como uma coisa não pode ser distante em si mesma, sem referência a outra coisa.²⁷

²³ [Marx, 1971, p. 127]. Ênfase de Marx. Deixem-me chamar novamente a atenção para a similaridade entre a terminologia de Marx nas *Teorias* e em *Para a Crítica*. Nas *Teorias* ele também fala de valor "realizado" e de "expressão" do valor; nas partes correspondentes em *O Capital* ele se refere a "valor de troca". (Veja o capítulo anterior deste ensaio).

²⁴ {Marx, 1989, p. 85.}

²⁵ [Marx, 1976, pp. 146-7.] {Marx, 1989, p. 85.}

²⁶ [Ver Broadhurst, 1842.]

²⁷ [Bailey, 1825, p. 5.]



Marx fez apropriadamente a seguinte anotação a respeito de tais palavras de Bailey: "E também não seria o trabalho social, ao qual o valor da mercadoria se relaciona, outra coisa?"²⁸. Marx quer dizer que, ao reconhecer o valor como expressão do trabalho social, nós em nenhum momento o transformamos – como pensa Bailey – de algo relativo em algo absoluto. Nós apenas o relacionamos ao trabalho social, em vez de a outras mercadorias.

Marx retorna mais de uma vez às objeções de Bailey contra o valor-trabalho "absoluto", não apenas nessa altura do terceiro volume das *Teorias da Mais-Valia*, mas também no segundo volume dessa mesma obra, numa análise da teoria de Ricardo, quando Marx novamente considera as críticas de Bailey²⁹.

Como resultado de seu raciocínio, Marx chega à conclusão de que a denúncia de Bailey do suposto caráter absoluto do conceito de valor-trabalho é completamente infundada:

É bastante incorreto afirmar que o valor de uma mercadoria é por isso transformado de algo *relativo* em algo *absoluto*. Pelo contrário, como valor de uso a mercadoria aparece como algo independente. Por outro lado, como valor ela aparece como algo meramente *relativo*, algo determinado por sua relação com o tempo de trabalho simples, igual e socialmente necessário.³⁰

É o próprio Bailey que, graças à sua negação do valor como expressão do trabalho social, cai numa representação fetichista do valor como propriedade das próprias coisas – embora, é verdade, não de coisas consideradas isoladamente umas das outras, e sim em sua relação umas com as outras³¹. Para provar isso, Marx cita as seguintes palavras de Bailey: "A riqueza é um atributo do homem; o valor é um atributo das mercadorias. Um homem ou uma comunidade são ricos; uma pérola ou um diamante são valorosos"³².

A polêmica de Marx contra Bailey sobre o caráter "absoluto" do valor, ora considerada, também se reflete em *O Capital*. Se os três parágrafos que citamos pouco acima, das páginas iniciais de *O Capital*, contêm uma polêmica velada contra Bailey, no meio e no final do primeiro capítulo de *O Capital* Marx ataca-o abertamente³³. Ele expõe impiedosamente o caráter fetichista das ideias de Bailey, revelado com maior clareza na sentença que acabamos

²⁸ [Marx, 1971, p. 143.]

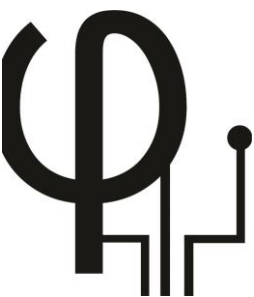
²⁹ [Marx, 1971, pp. 129-30 *et seq.*; e Marx, 1968, pp. 170-2.]

³⁰ [Marx, 1971, p. 129.] A ênfase é de Marx.

³¹ [Marx, 1971, p. 161.]

³² [Bailey, 1825, p. 165.]

³³ Em Marx, 1976, ver as notas de rodapé das páginas 141, 155 e 177. Ver também a nota de rodapé das pp. 146-7, a respeito de [John] Broadhurst.



de citar³⁴; e na nota de rodapé correspondente Marx sintetiza brevemente suas concepções sobre o caráter absoluto do valor:

O autor de 'Observations' e S. Bailey acusam Ricardo de ter transformado o valor de troca, de algo relativo, em absoluto. E vice-versa. Ele reduziu a aparente relatividade que essas coisas – diamantes e pérolas, por exemplo – têm como valores, à sua relatividade como meras expressões do trabalho humano. Se os ricardianos responderam a Bailey em forma rude, mas de modo algum convincentemente, foi apenas porque não encontraram nenhuma informação no próprio Ricardo sobre a conexão interna entre valor e forma do valor ou valor de troca.³⁵

Registramos ecos diretos ou velados da polêmica de Marx contra Bailey em *O Capital*. Pode-se dizer, com mais ou menos certeza, que foram precisamente os argumentos de Bailey contra Ricardo que levaram Marx a se preocupar mais com a diferenciação entre valor e valor de troca. É bastante provável que precisamente em suas objeções a Bailey, no terceiro volume das *Teorias da Mais-Valia*, Marx tenha delineado pela primeira vez o curso do pensamento depois celebrenemente registrado nos três parágrafos das primeiras páginas de *O Capital*. Ao que parece, foi contra Bailey que Marx aprimorou as conclusões do final do trecho sobre "Determinação quantitativa da forma relativa do valor". Por fim, a polêmica de Marx contra Bailey – o qual sustentou que os apoiadores da teoria do valor-trabalho convertiam o conceito de valor em algo "absoluto" – também se refletiu no primeiro capítulo de *O Capital*.

A argumentação crítica de Bailey, apesar de toda a superficialidade do ponto de vista inicial do autor, tocou parcialmente em fraquezas verdadeiras da teoria do valor de Ricardo. Conseqüentemente, era impossível superar as objeções de Bailey a Ricardo sem superar a própria teoria de Ricardo, *i. e.*, sem uma base nova e mais profunda para a teoria do valor-trabalho. Na realidade, os dois antípodas, Ricardo e Bailey, sofriam do mesmo mal: confundiam valor e valor de uso. Marx apontou que Ricardo confundia valor com o "valor de troca da mercadoria, conforme ele *se manifesta, aparece* no processo de troca mercantil"³⁶. Por outro lado, ele acusa Bailey de confundir "a forma do valor com o próprio valor"³⁷. A diferença entre Ricardo e Bailey reside no fato de que o primeiro ignorava a forma do valor, enquanto o último acreditava ser possível conduzir [sua reflexão] sem o conceito de valor. Com a ajuda de uma

³⁴ Marx também cita essa passagem de Bailey ao final do primeiro capítulo do volume I de *O Capital* [Marx, 1976, nota de rodapé 37, p. 177].

³⁵ {Marx, 1989, p. 111.}

³⁶ [Marx, 1971, p. 125.]

³⁷ [Marx, 1976, p. 141, nota de rodapé n. 17.]



distinção clara entre valor e valor de troca, Marx eliminou simultaneamente os erros – que à primeira vista parecem opostos, mas na realidade têm fundamentação própria – de ambos os economistas.

Embora, como vimos, a concepção de Marx tenha superado simultaneamente a unilateralidade de Bailey e de Ricardo, ele teve de apresentá-la em dois sentidos opostos. Na medida em que respondeu aos ataques de Bailey, Marx teve de demonstrar que, para explicar as várias "expressões de valor", *i. e.*, o valor de troca, temos de nos voltar ao "próprio valor"³⁸. Por outro lado, na medida em que seu objetivo era aprofundar e transformar a teoria de Ricardo, teve de descobrir os "vários aspectos" do desenvolvimento do conceito de valor³⁹, as "instâncias diferentes da definição do valor, que não são explicadas por Ricardo, mas ocorrem de facto e se confundem umas com as outras"⁴⁰. No primeiro capítulo de *O Capital*, Marx também organizou sua apresentação nessas duas direções. No primeiro item desse capítulo (ao qual se acrescenta o segundo, como suplemento), ele mostra que a análise do valor de troca nos conduz necessariamente à formação do conceito de valor; assim Marx solapa o terreno de Bailey. No terceiro item, mostra que o valor necessariamente assume formas determinadas, e nos dá uma análise detalhada dessas formas, preenchendo assim a lacuna dos ensinamentos de Ricardo. Marx enfatiza que ambos estágios observados estão inseparavelmente conectados. No primeiro item, indica ao leitor que "o andamento da investigação nos levará de volta ao valor de troca, enquanto modo necessário de expressão ou manifestação do valor [...]"⁴¹. Por outro lado, quando Marx retorna à segunda metade da investigação, no início do terceiro item, ele novamente lembra o leitor de seu vínculo inseparável com a primeira parte do estudo: "Na verdade, partimos do valor de troca ou da relação de troca das mercadorias para rastrear seu valor oculto. Devemos agora retornar a essa manifestação de valor"⁴².

É compreensível que precisamente na primeira parte dessa investigação de Marx encontremos os sinais mais claros de sua argumentação das *Teorias* contra Bailey. De fato, foi precisamente na primeira parte que Marx mostrou a necessidade de formar o conceito de valor, contra o qual Bailey voltou seus ataques. Na segunda parte, encontramos os ensinamentos de Marx sobre as formas do valor – a doutrina que representa a parte mais original da teoria marxista do valor, completamente ausente em Ricardo e Bailey (mas que não pode ser considerada uma refutação direta das ideias do último). Isso é explicado pelo interessante fato

³⁸ [Marx, 1971, p. 127.]

³⁹ [Marx 1971, p. 125.]

⁴⁰ [Marx 1971, p. 172.]

⁴¹ {Marx, 1989, p. 70.}

⁴² {Marx, 1989, p. 79.}



de que nas notas de Marx contra Bailey, no terceiro volume das *Teorias da Mais-Valia*, encontramos os argumentos desenvolvidos no primeiro item do primeiro capítulo de *O Capital*, mas ainda não encontramos as ideias que dão base ao terceiro item, a saber, a doutrina das diferentes formas do valor e dos polos do valor⁴³. Na parte das *Teorias* dedicada a Bailey, Marx ainda tem em mente apenas a forma do valor mais desenvolvida, universal ou monetária, e ainda tem de clarificar o desenvolvimento dos polos do valor.

Mas se a polêmica contra Bailey ainda não levou Marx diretamente à análise das diferentes formas e polos do valor, ela preparou o caminho. O defeito básico da concepção de Bailey consistiu, primeiro, em ter confundido valor com valor de troca, e, segundo, em ter direcionado sua atenção exclusivamente a uma definição quantitativa do valor de troca⁴⁴. O primeiro erro de Bailey já fora revelado por Marx nas *Teorias*, nas quais ele traçou uma diferenciação clara entre "valor" e as várias "expressões do valor". Essa clara distinção necessariamente levou Marx a fornecer uma análise separada do valor, de um lado, e do valor de troca, de outro. É verdade que nas *Teorias* Marx dedicou sua atenção sobretudo à primeira tarefa, a qual subsequentemente desenvolveu nos itens 1 e 2 do primeiro capítulo de *O Capital*. Nas *Teorias*, Marx ainda não forneceu uma análise especial das diferentes formas de valor ou "expressões de valor". Mas a necessidade de tal análise fluiu diretamente do modo geral em que Marx apresentou o problema na polêmica com Bailey. A análise específica do valor tinha de ser suplementada por uma análise especial do valor de troca, a qual Marx apresentou depois, no terceiro item do primeiro capítulo de *O Capital*. Podemos supor que, quando Marx se voltou à análise específica do valor de troca, ele concentrou sua atenção sobretudo em ir além do segundo erro constatado em Bailey, o qual limitava a investigação ao aspecto quantitativo do valor de troca. Em oposição a Bailey, Marx colocou em primeiro plano o aspecto qualitativo do valor de troca, e assim chegou em seu ensinamento sobre os polos do valor e as diferentes formas do valor.

Num ponto essencial das notas de Marx contra Bailey, pode-se ver claramente o embrião das ideias depois desenvolvidas por Marx em seu ensinamento sobre as formas do valor.

O principal objetivo da análise das diferentes formas do valor apresentada por Marx no terceiro item do primeiro capítulo de *O Capital* era provar que "[a] forma simples da mercadoria é, portanto, o gérmen da forma dinheiro"⁴⁵. Numa carta a Engels, em 22 de junho de 1867, Marx, destacando a grande importância do item sobre as formas do valor, acrescentou: "Os

⁴³ Veja o primeiro capítulo deste ensaio.

⁴⁴ [Marx, 1976, p. 141, nota de rodapé n. 17.]

⁴⁵ [Marx, 1976, p. 163.]

economistas até agora negligenciaram o fato muito simples de que a equação *20 jardas de linho = 1 casaco* não é senão a forma primitiva de *20 jardas de linho = £ 2* [duas libras esterlinas]⁴⁶. Aqui Marx aponta que em *O Capital*, pela primeira vez, ele forneceu uma análise da forma simples do valor, a qual faltara em *Para a Crítica da Economia Política*⁴⁷.

Se admitirmos que o objetivo de Marx no primeiro item do primeiro capítulo de *O Capital* era reduzir a forma dinheiro do valor, na qual a mercadoria é equiparada ao equivalente geral, à forma simples do valor, na qual uma mercadoria é equiparada a outra, então podemos encontrar uma pequena sugestão desse pensamento nas notas de Marx contra Bailey. Este afirmara que apenas o hábito diário de expressar o valor de todas as mercadorias em termos de dinheiro poderia dar a impressão de que as mercadorias teriam valor absoluto. Se compararmos linho não com certa soma de dinheiro, mas com outra mercadoria concreta, por exemplo casaco, pão, café etc., então, segundo Bailey, nos convenceremos facilmente do caráter puramente relativo do valor. Esse raciocínio de Bailey ensejou a seguinte contraposição de Marx:

O Sr. Bailey é da opinião de que se alguém considerar *apenas duas mercadorias* – em troca uma pela outra – poderá automaticamente descobrir o sentido meramente relativo do *valor*. Que tolo. Como se não fosse necessário dizer sobre duas mercadorias – dois produtos relacionados um ao outro como *mercadorias* – o mesmo que se diz sobre milhares de mercadorias, *pois* [as mercadorias] são idênticas.⁴⁸

Como se vê, a polêmica contra Bailey levou Marx a *apresentar* o problema da troca de *duas* mercadorias entre si, *i. e.*, à análise da "forma simples do valor". Em seu pensamento, entretanto, Marx relutava em seguir nessa direção. Marx ainda não considerava necessário destacar, numa análise especial, o caso da troca de duas mercadorias entre si (a forma simples do valor). Tal análise especial, ao que parece, ainda soava para ele redundante, tanto de um ponto de vista histórico quanto do lógico. Do ponto de vista histórico, Marx não pode deixar de compreender que a troca aleatória de dois produtos entre si precedeu o desenvolvimento da economia mercantil e do valor de troca. Imediatamente após as palavras que citamos, Marx acrescenta: "Nesse caso, se existissem apenas dois produtos, eles nunca se tornariam mercadorias, e, conseqüentemente, o valor de troca das mercadorias também nunca teria evoluído"⁴⁹. Na medida em que o objetivo de Marx era compreender as leis de uma economia

⁴⁶ [Carta de Marx a Engels, 22 de junho de 1867. In *MECW*, vol. 42, p. 384.]

⁴⁷ Veja o primeiro capítulo deste ensaio.

⁴⁸ [Marx, 1971, p. 144] Ênfase de Marx.

⁴⁹ [Marx, 1971, p. 144.]



mercantil desenvolvida e o valor de troca evoluído, ele obviamente ainda considerava necessário iniciar sua pesquisa com a troca abrangente de mercadorias, não com a troca de dois produtos entre si.

Assim, na época de sua polêmica contra Bailey Marx ainda considerava redundante, do ponto de vista histórico, a análise específica da troca de duas mercadorias entre si. Quanto ao valor lógico de tal análise, Marx, nesse período, aparentemente ainda acreditava que ela pouco nos ofereceria de novo, se comparada à análise da troca de uma mercadoria por "milhares" de outras (ou por certa soma de dinheiro). Em ambos casos, temos de responder à mesma questão "pois [as mercadorias] são idênticas", *i. e.*, temos de revelar a identidade de seu caráter social, sua unidade como *valores*. O conteúdo social idêntico de todos os atos de troca listados ainda obscurecia, em Marx, suas diferenças de forma. Totalmente absorvido pela busca da substância singular das mercadorias, *i. e.*, o valor, Marx não prestara atenção suficiente às diferentes formas de valor:

[...] como alguém pode expressar x de algodão em y de dinheiro? A questão se resolve nisto – como é possível expressar uma mercadoria em outra, ou como apresentar mercadorias como equivalentes? Somente a elaboração do valor, *independentemente da representação* de uma mercadoria em outra, fornece-nos a resposta.⁵⁰

Aqui Marx chega bastante perto de formular a questão da vinculação entre dinheiro e a forma simples do valor. É verdade que aí ele ainda se inclina a enfocar na unidade de seu conteúdo pela comparação com suas diferenças de forma, todavia a questão da diferença de tais formas já estava apresentada e sua solução exigiria a análise especial da "forma do valor, ou valor de troca"⁵¹, apresentada em *O Capital*.

Podemos agora resumir nossas conclusões. A estrutura única do primeiro capítulo de *O Capital* consiste no fato de Marx analisar valor e valor de troca separadamente. Marx, evidentemente, chegou nessa demarcação estrita dos conceitos graças à sua polêmica contra Bailey. Marx listou Bailey entre os "poucos economistas que se preocupam com a análise da forma do valor"⁵². Enquanto os clássicos concentraram sua atenção no valor e consideraram a forma do valor como algo externo e sem consequências, Bailey caiu no erro oposto. Ele voltou suas atenções apenas sobre a *multiplicidade* de expressões de valor e imaginou que "ao apontar para a multiplicidade das expressões relativas do mesmo valor-mercadoria teria apagado

⁵⁰ [Marx, 1971, p. 162. A ênfase é de Rubin].

⁵¹ [Título do item 3 do capítulo 1 de *O Capital*, vol. 1].

⁵² [Marx, 1976, p. 141, nota de rodapé n. 17.]

qualquer possibilidade de determinação conceitual do valor"⁵³. Para derrotar os ataques de Bailey – que ameaçaram derrubar a teoria do valor-trabalho por inteiro –, Marx teve de traçar uma clara distinção entre "valor" e "expressões de valor", do que se seguiu, logicamente, a necessidade de prover análises separadas do valor e do valor de troca. Mas, finalmente, só foi possível superar a crítica de Bailey preenchendo a lacuna deixada por Ricardo. Marx, por isso, realizou uma tarefa dupla. Primeiro, por trás da *multiplicidade* de expressões de valor, teve de revelar a *unidade* que lhes dava base, *i. e.*, valor (e em última instância trabalho); segundo, teve de mostrar como um e mesmo *valor* pode se expressar nas mais diversas *formas de valor*. Em contraste com Bailey, nos itens 1 e 2 do primeiro capítulo de *O Capital* Marx moveu sua investigação do valor de troca para o valor. Diferentemente dos clássicos, ele complementou a doutrina do valor com a doutrina da "forma do valor, ou valor de troca", que é apresentada no terceiro item do mesmo capítulo. A necessidade de organizar sua investigação nessas duas direções opostas é o que explica a estrutura única do primeiro capítulo de *O Capital*.

I. Rubin

⁵³ [Marx, 1976, p. 155, nota de rodapé n. 25.]

REFERÊNCIAS

- BAILEY, S., 1825, *A Critical Dissertation on the Nature, Measures, and Causes of Value; Chiefly in Reference to the Writing of Mr. Ricardo and his Followers*. London: R. Hunter.
- BROADHURST, J., 1842, *Political Economy*. London: Hatchard and Son.
- MARX, K., 1968, *Theories of Surplus-Value (Volume IV of Capital)*, vol. II. Moscow: Progress Publishers.
- MARX, K., 1970, *A Contribution to the Critique of Political Economy*. Moscow: Progress Publishers.
- MARX, K., 1971, *Theories of Surplus-Value (Volume iv of Capital)*, Volume iii. Moscow: Progress Publishers.
- MARX, K., 1976, *Capital: A Critique of Political Economy*, Volume i, introduced by Ernest Mandel, translated David Fernbach. London: Penguin.
- MARX, K., 1983, *Das Kapital* (1867). In MEGA2, II.5, Berlim: Dietz.
- MARX, K., 1989, *Das Kapital* (1883). In MEGA2, II.8, Berlim: Dietz.

